

A EXPERIÊNCIA DE EVENTO SOBRE BORDADO, COM A PARTICIPAÇÃO DAS IRMÃS DA BOA MORTE DE CACHOEIRA, BA

THE EVENT EXPERIENCE ABOUT EMBROIDERY, WITH THE PARTICIPATION OF THE SISTERS OF OUR LADY OF GOOD DEATH OF CACHOEIRA, BA

Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). Professora Adjunta - UFRB. E-mail: suzanepinho@ufrb.edu.br

Jusenira dos Santos Cardoso de Mello

Egressa do Curso de Graduação em Museologia (UFRB). E-mail: biajusenira@gmail.com

Lélia Baraúna Pinna da Costa de Pinho

Egressa do Curso de Graduação em Museologia (UFRB). E-mail: leliapinho@yahoo.com.br

Luana Freitas Pereira

Egressa do Curso de Graduação em Museologia (UFRB). E-mail: luana_freitas17@yahoo.com.br

RESUMO

Este relato aborda a experiência do evento “Na voz das bordadeiras da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira – BA”, realizado em Cachoeira, Recôncavo Baiano, em 19 de novembro de 2019. Contextualiza a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira; pontua sobre a organização e a divulgação da atividade, compreendida por uma roda de conversa e uma mesa-redonda. Discorre sobre a Roda de Conversa com a participação das Irmãs da Boa Morte, que falaram de como o bordado está inserido em suas vidas, da técnica do bordado richelieu e da existência do curso de bordado da Irmandade da Boa Morte desde 2006, proposto pelo Instituto Mauá, a fim de possibilitar a prática do bordado e a preservação desse conhecimento. Em seguida, apresenta aspectos tratados durante a Mesa-Redonda, fazendo referência à cultura, ao corpo vestido, a diferentes formas de memória, a afetos, assim como à arte/artesanato. Comenta acerca de pesquisa participante realizada no curso de bordado; aprofunda aspectos técnicos e iconográficos do bordado richelieu, que teve origem na Europa, usado, no Brasil, em enxovais desde o período colonial; e focaliza o emprego desse bordado pelas mulheres negras para ornar a “roupa de baiana”, as vestes das Irmãs da Boa Morte e roupas usadas pelos membros de terceiros de candomblé.

Palavras-Chave: Irmandade da Boa Morte. Bordado Richelieu. Afeto. Memória.

ABSTRACT

This report addresses the experience of the event “In the voice of the embroiderers of the Irmandade da Boa Morte de Cachoeira – BA”, held in Cachoeira, Recôncavo baiano, on November 19, 2019. It contextualizes the Brotherhood of Our Lady of the Good Death; points out about the organization and dissemination of the activity, comprised of a conversation circle and a round-table. It discusses the Conversation Circle with the participation of the sisters of Our Lady of the Good Death, who spoke about how embroidery is inserted in their lives, the Richelieu embroidery

technique and the existence of the Brotherhood of Our Lady of the Good Death embroidery course since 2006, proposed by the Instituto Mauá, in order to enable the practice of embroidery and the preservation of this knowledge. Then, it presents aspects dealt with during the Round-table, referring to culture, the dressed body, different forms of memory, affections, as well as art/crafts. Comments about participant research carried out in the embroidery course; deepens technical and iconographic aspects of Richelieu embroidery, which originated in Europe, used in Brazil in trousseaus since the colonial period; and focuses on the use of this embroidery by black women to decorate the “baiana's clothing”, the garments of the sisters of the Brotherhood of Our Lady of the Good Death and clothing worn by members of Candomblé terreiros.

Keywords: Brotherhood of the Good Death. Richelieu Embroidery. Affection. Memory.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar o relato da experiência do evento intitulado “Na voz das bordadeiras da Irmandade da Boa Morte”, ocorrido em 19 de novembro de 2019, proposto pelo Colegiado de Graduação em Museologia e pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A atividade de extensão em questão é um dos resultados da pesquisa “Memória, fazeres, saberes e cultura material em Cachoeira e São Félix no século XX”, coordenada pela professora Suzane Pinho Pêpe, com a participação de discentes do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), da UFRB. A pesquisa foi desenvolvida entre 2016 e janeiro de 2020. Essa atividade de extensão está diretamente ligada ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A Ressignificação do Bordado Richelieu, na Cidade de Cachoeira – Bahia” (2019), de autoria da egressa do Curso de Museologia Jusenira Mello.

No contexto estudado, o bordado é compreendido como atividade que envolve artesanato e estética. Argumenta-se, com base em Néstor Canclini (1983), que o artesanato é um fenômeno simbólico tanto do ponto de vista da linguagem quanto da sua dimensão econômica. A arte de bordar pode ser entendida como uma construção formal que envolve intelecto e intuição. Herbert Read (1978) afirma que as composições plásticas se caracterizam pela disposição das formas e das cores, pelo equilíbrio, ritmo e harmonia, características da arte visual que agradam aos sentidos. Além de um

domínio técnico adquirido na prática, à “vontade de formar” aliam-se memórias e emoções, que fazem do ato de bordar expressão e atividade terapêutica.

Este relato apresenta uma breve contextualização sobre a Irmandade da Boa Morte, cujas Irmãs portam vestes bordadas em celebrações religiosas, sobressaindo o bordado richelieu, e a existência de um curso livre de bordado nessa comunidade desde o ano de 2006. Na sequência, sistematiza aspectos da preparação e organização do evento objeto desta explanação; aborda a Roda de Conversa com participação das Irmãs e as contribuições da Mesa-Redonda, que compõem o evento. Por último, apresenta as considerações finais.

A IRMANDADE DA BOA MORTE (CACHOEIRA – BA)

Na cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano, instalou-se no século XIX a Irmandade da Boa Morte, cuja origem é incerta, sendo a versão mais aceita a de que negras que prestavam o culto a Nossa Senhora da Morte e da Glória, na Igreja da Barroquinha, em Salvador, teriam vindo se fixar em Cachoeira ainda no século XIX (SILVEIRA, 2006; COSTA, 2009).

A Irmandade foi formada em um contexto social racista e patriarcal, no qual mulheres negras que tinham tido ascensão socioeconômica ajudavam na alforria de escravos; eram denominadas “negras do partido alto” (CIDREIRA, 2015). Elas celebram anualmente, no mês de agosto, a morte e subida aos céus de Nossa Senhora, ritualizando vida e morte. A iconogra-

fia dessa mítica foi produzida desde os primórdios do cristianismo médio-oriental ortodoxo, com base em textos de piedosos e evangelhos apócrifos, chegando ao Ocidente latino-cristão, onde a venerada recebeu outros títulos: Nossa Senhora da Glória, da Vitória e da Assunção (COSTA, 2008).

É nas celebrações – missas, confissões, vigília e procissões – que as Irmãs da Boa Morte de Cachoeira exibem toda a elegância de seus trajes, cuja base é a “roupa de crioula”, documentada em imagens do século XIX e início do século XX. Conforme Raul Lody (2015), a “roupa de crioula” compõe-se de saia longa e anáguas, como as que eram usadas pelas europeias; bata longa, turbante e chinelas de bico fino de influência islâmica; pano da costa de origem ocidental africana; joias-amuletos.

No primeiro dia da festa (13 de agosto), as irmãs celebram a dormição de Maria, e a roupa usada por elas é toda branca; no segundo dia (14 de agosto), vestem a “baiana de beca”, bata branca, saia e xale preto, sinal de luto e tristeza; no terceiro dia da assunção de Maria (15 de agosto), usam o traje de gala: bata branca, saia preta e xale vermelho.

Essa indumentária é rica de bordados com brocados, cassa e richelieu de grande valor estético. O bordado richelieu, ou renascença, tem origem na Europa, chegando ao Brasil pelas mãos dos colonizadores (MELLO, 2019). A denominação empregada a esse tipo de bordado deve-se ao fato de ter sido este muito usado nas roupas do Cardeal e Duque de Richelieu Armand Jean Du Plessis, da corte do Rei Luís da França no século XVII (LODY, 2015). Na sociedade colonial, o bordado richelieu foi aplicado a enxovais, assim como a toalhas e outras peças do cotidiano das igrejas.

O bordado richelieu é empregado em trajes de baiana, provavelmente, desde o século XIX. Assinala-se que na Biblioteca do Museu Henriqueta Catharino encontram-se postais, não datados, nos quais figuram mulheres negras usando trajes com bordados, inclusive no ponto richelieu; o mesmo ocorre em fotografias de Pierre Verger publicadas no século XX. Não se sabe exatamente quando o bordado se torna presente nas vestimentas de senhoras da Ir-

mandade da Boa Morte e de sacerdotisas das religiões de matrizes africanas, mas é evidente que se constitui em sinal de elegância e distinção pela exuberância das formas (MELLO, 2019).

Em 2006, o Instituto de Artesanato Visconde de Mauá (Instituto Mauá) articulou com as Irmãs da Boa Morte de Cachoeira a criação de um curso de bordado ministrado pelo mestre artesão Marcus Couto Leite, que funciona no anexo da Capela de Nossa Senhora d’Ajuda, no Largo d’Ajuda, onde também se localiza a sede da Irmandade, para que as Irmãs tivessem a possibilidade de praticar a atividade e preservar o conhecimento do bordado, ornando as suas próprias vestes. Em 2016, o curso perdeu o vínculo com o Instituto Mauá e as Irmãs tiveram a iniciativa de criação de turmas particulares para pessoas da comunidade em geral, o que possibilitou a continuidade das aulas restritas às Irmãs. Aí é ensinado o bordado feito à mão e à máquina de costura. Há um número suficiente de máquinas de costura para atender às necessidades dos grupos.

ORGANIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO EVENTO

A ideia do evento “Na voz das bordadeiras da Irmandade da Boa Morte” partiu da necessidade de trazer resultados dos estudos desenvolvidos no CAHL para a comunidade acadêmica e para os sujeitos da pesquisa. Isso motivou o contato das pesquisadoras com o mestre Marcus Couto e as Irmãs da Boa Morte que participam do curso. Nesse contato, estas questionaram como poderiam contribuir para o evento e sugeriram o local (Fundação Hansen Bahia) e a data (19/11/2019).

Paralelamente, foi organizada uma mesa-redonda com o objetivo de abordar aspectos teóricos que dialogassem com a prática desse grupo de mulheres dessa comunidade religiosa. Pensou-se em cultura, arte/artesanato, memória e afeto como termos que poderiam ligar as falas sobre vestes e bordados, considerando o protagonismo das Irmãs. Convidou-se a pesquisadora e professora do CAHL Renata Pitombo Cidreira para compor a Mesa-Redon-

da, ao lado de Suzane Pêpe e Jusenira Mello.

Formou-se uma equipe responsável pela divulgação e organização do evento. A comunicação visual contou com várias peças, ficando a cargo de Luana Freitas, na época graduanda em Museologia (UFRB), e Lélia Baraúna, egressa do mesmo curso.

Figura 1 – Peça de divulgação do site de inscrição do evento



**NA VOZ DAS BORDADEIRAS DA
IRMANDADE DA BOA MORTE
DE CACHOEIRA/BA**

DATA: 19 DE NOVEMBRO DE 2019, ÀS 13H
FUNDAÇÃO HANSEN BAHIA
INSCRIÇÕES EM: abre.ai/boamorte



Fonte: Programação Visual: Luana Freitas. **Fotografia no cartaz:** Suzane Pêpe.

Figura 2 – Detalhe das roupas portadas pelas Irmãs da Boa Morte no evento



Fonte: Fragmento de foto por Rubens Mello.

À equipe, integraram-se estudantes da Graduação em Museologia Claudiana da Cruz Rodrigues e Sandra Regina de Andrade Batista e do PPGap Edilton Mascarenhas Gomes, responsáveis pelo receptivo.

A RODA DE CONVERSA

Após a Mesa de Abertura, foi iniciada a Roda de Conversa com a participação de onze Irmãs da Boa Morte, que se apresentaram vestidas com trajes coloridos e bordados, sendo o “corpo vestido” estímulo aos sentidos (Figura 2), o que impactou sobre o público presente, composto por professores, estudantes do CAHL e pessoas da comunidade interessadas no tema.

Ressalta-se que, em 2019, faziam parte da Irmandade 30 mulheres. Das onze presentes no evento, cinco frequentam o curso de bordado da Irmandade assiduamente, contudo, todas as que compareceram se apresentaram e falaram sobre como o bordado se insere na sua vida. Em um segundo momento, explicaram sobre a técnica do bordado richelieu, mostrando exemplos.

A interlocução entre os participantes do evento se deu com rodadas de perguntas pelo público e narrativas das protagonistas. Nessa ocasião, ficou claro que o curso de bordado é mais do que um momento de praticar e desenvolver as técnicas; é uma ocupação terapêutica. As peças que as Irmãs fazem são prioritariamente

para uso próprio (Figura 3), entretanto algumas bordam sob encomenda.

Figura 3 – Bata bordada exibida por Irmã da Boa Morte no evento



Fonte: Fragmento de foto tirada por Rubens Mello.

Observa-se uma relação de respeito e um cuidado do mestre para com as Irmãs. Elas depositam muita confiança nele, que manifestou o orgulho de fazer parte do grupo. Ele mencionou considerar seu pertencimento religioso ao candomblé um fator favorável para a sua aproximação com o grupo.

Enfim, o bordado nessa comunidade envolve sociabilidades, porque intensifica a convivência e os elos de amizade. A alegria das Irmãs foi evidenciada todo o tempo, por estarem juntas e por lhes ser dada a palavra sobre um tema sobre o qual não estão habituadas a externar em público.

A MESA-REDONDA

Na Mesa-Redonda (Figura 4), a primeira comunicação foi feita pela pesquisadora Renata Pitombo Cidreira, sobre o tema “Corpo, Veste e Afeto”. Ela abordou a respeito da dimensão afetiva na dinâmica do ato de vestir, o corpo, os sentidos, as sensações humanas, e a memória, estabelecendo conexões com a Roda de Conversa.

Cidreira trouxe aportes teóricos da sociologia do corpo, apoiando-se em autores como

Georg Simmel, que, no início do século XX, se ocupou do estudo da constituição dos sentidos humanos, dos modos de perceber o outro e de ser percebido, assim como da significação para a vida coletiva da reciprocidade das relações. Apontou que Maurice Merleau-Ponty, filósofo da fenomenologia, deu ênfase à corporeidade da existência e à compreensão do corpo como pertencente ao mundo das coisas, já David Le Breton elucidou a dinâmica entre o corpo e a sociedade, o individual e o coletivo. Ainda, a pesquisadora articulou pensamentos e conceitos para tratar da relação da expressão corporal individual no processo de identificação a um grupo de pertencimento, como contributo cultural e afetivo.

Figura 4 – Mesa-redonda no evento “Na voz das bordadeiras da Boa Morte”



Fonte: Rubens Mello

Na fala de Renata Pitombo Cidreira e das demais comunicadoras foi feita referência à memória coletiva, sendo citado Maurice Halbwachs, autor que analisou as relações entre memória individual e memória coletiva, demonstrando que as lembranças coletivas têm força e duração por ser suportada pelo grupo. (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Suzane Pinho Pêpe tratou da questão do bordado no contexto de Cachoeira, da transmissão das técnicas artesanais, que pode ser entendida como a preservação de uma memória técnica – termo empregado por Ecléa Bosi (1979). O fazer é gestual e há uma escolha de motivos que podem ser recriados, adaptados em um processo lento, ainda proporcionando caminhos mais adequados às necessidades sociais, que têm relação com a cultura. Buscou trazer a dimensão artística e artesanal, sendo difícil estabelecer uma linha divisória

entre elas. O termo artesanato aparece no século XVIII, na Europa, empregado para diferenciar o trabalho manual do trabalho criado para indústria, considerando a produção de objetos; essa produção sempre existiu, mas não era assim chamada. Em geral, o bordado, quando aplicado ao objeto de uso, é categorizado como artesanato. Mas é possível pensar o bordado como arte integrada à vida cotidiana, com funções práticas, além de estética, residindo nesta a dimensão artística. Os afetos e as lembranças guardadas e experiências vividas em trajetórias de pessoas e grupais são motivadores da arte.

Jusenira Mello fez uma apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso A ressignificação do bordado richelieu, na cidade de Cachoeira – Bahia, concluído em 2019, que pretendeu estudar a prática no curso livre de bordado da Irmandade da Boa Morte, aspectos técnicos e a iconografia de desenhos bordados. *Moda e História: as indumentárias das mulheres de fé*, da autoria de Raul Lody; e *As vestes da Boa Morte*, organizado por Renata Pitombo Cidreira, são as referências que lhe serviram de ponto de partida. Segundo Lody (2015), o ofício de “trabalhar os tecidos” chega ao Brasil através da ocupação portuguesa. O bordado considerado uma atividade feminina realizado pelas mulheres brancas passou a ser feito também por mulheres negras, neste caso, como obrigação.

Com base em Cidreira, Mello empregou a premissa de que, no contexto das culturas africanas recriadas no Brasil, a roupa ganhou uma dimensão simbólica, capaz de reforçar mitos e signos, reestruturar valores e tradições religiosas. (CIDREIRA, 2015, p. 22). Adotou a compreensão de Clifford Geertz (1989) de cultura entendida por seus símbolos e significados compartilhados socialmente, incorporados e materializados em comportamentos culturais de um determinado grupo.

Trabalhando no projeto de pesquisa teve contato em campo com várias bordadeiras da cidade de Cachoeira, inclusive conheceu o curso de bordado na Irmandade. A sua pesquisa de TCC ganhou novos contornos (pesquisa participante) quando se inscreveu na turma do curso de bordado da Irmandade destinado para

a comunidade em geral. Realizou observações e entrevista com professor, e conversas com as alunas de bordado, registro fotográfico de técnicas e materiais da produção de tecidos bordados. Baseou-se na iconografia, método proposto por Erwin Panofsky (2012), para descrever e interpretar os motivos dos bordados.

A autora mostrou os resultados do estudo das imagens aplicadas aos tecidos no ponto richelieu, concluindo que predominam motivos florais com amplas áreas vazadas nas vestes das Irmãs da Boa Morte. Outro dado muito relevante, que gerou um capítulo do TCC, foi que as Irmãs vêm bordando signos dos orixás em roupas do povo de santo, e em peças usadas nos espaços sagrados, sendo exemplos: a borboleta de Iansã, o machado de Xangô e o xaxará e o cajado de Obaluaiê.

Em seguida, foi dada a palavra ao professor Marcus Leite, que falou da importância da socialização das informações, lembrando que durante a pesquisa ele teve papel fundamental como mediador entre pesquisadoras e Irmãs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato buscou proporcionar ao leitor uma contextualização de atividade de extensão realizada em Cachoeira, em 2019, considerada relevante por ter reunido professores, estudantes e a comunidade interessada pela atividade do bordado, que vem sendo ressignificado no contexto das representações afro-brasileiras. Ressaltou a presença das Irmãs da Irmandade da Boa Morte para narrar suas memórias e experiências sobre o bordado, atividade que já fazia parte da rotina de algumas senhoras dessa comunidade e que passou a ser praticada em um curso criado para as Irmãs há cerca de quinze anos, tornando-se um espaço de socialização de saberes e práticas artesanais, assim como de sociabilidade.

Ficou explícito que as Irmãs da Boa Morte de Cachoeira que bordam, o fazem em geral para uso próprio, mas podem pegar algumas encomendas e que têm interesse na preservação desse conhecimento por elas. Revelou-se, ainda, que a ampliação do curso para turmas voltadas para a comunidade em geral permitiu a

continuidade do trabalho do mestre artesão, que também passou a ensinar o bordado para outras pessoas que o procuram e encontram nessa atividade uma forma de terapia e a possibilidade de complementar sua renda.

Um apanhado da abordagem acadêmica do tema, com base em conceitos e argumentos oriundos da Comunicação, da Arte e da Museologia, trazidos na Mesa-Redonda, demonstraram que há várias possibilidades de interpretar o significado do corpo vestido e o bordado como expressão de pertencimento coletivo, enquanto possuidores de significado social, cultural e afetivo.

Espera-se que este relato possa contribuir para o reconhecimento da importância da resignificação dessa manifestação cultural. Além disso, avalia-se que o estudo do bordado feito em grupos e comunidades na UFRB possa gerar outras possibilidades de trabalhos de extensão, em que as comunidades que trabalham no dia a dia para atender às necessidades domésticas e se lançam à produção artesanal como meio de complementar a renda familiar sejam ouvidas.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo, 1979.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução: Cláudio Novaes. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A dimensão simbólica da Irmandade**. In: ____ (Org.). *As vestes da Boa Morte*. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2015. p. 13-38.

COSTA, Sebastião Heber Vieira. **Imagística de Cachoeira**: Ilá Deleci. Salvador: Faculdade 2 de Julho, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Manuel A. Baeza. São Paulo: Vértice, 1990

LODY, Raul, **Dicionário de Arte sacra & Técnicas Afro-Brasileira**: Prefácio de Roberto da Matta, Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LODY, Raul. **Moda e História**: As Indumentárias das Mulheres de Fé. São Paulo: Editora Senac, 2015.

MELLO, Jusenira dos Santos Cardoso de Mello. **A resignificação do bordado richelieu, na cidade de Cachoeira – Bahia**. 2019, 69 fl. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Museologia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, BA, 2019.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. Tradução: Maria Clara F. Keese e J. Guinsburg. Perspectiva, 2012. (Debates: 99)

PÊPE, Suzane (Coord.). **Memória, fazeres, saberes e cultura material em Cachoeira e São Félix no século XX**. Cachoeira, UFRB, 17/12/2015. (Projeto de pesquisa)

READ, Herbert. **O sentido da arte**. Tradução, Jacy Monteiro, 4.ed. São Paulo: IBRASA, 1978.

SILVEIRA, Renato da. **O candomblé da Barroquinha**: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador: Maianga, 2006.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da Moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia Ltda, 2008.